

# Só falta ao Centrão saber fazer política

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O Centrão pode ser muito bom em termos de trabalho constituinte, para acabar com as fantasias, os excessos e a demagogia do projeto de nova Constituição. Terá oportunidade de provar isso, dentro em pouco. Que seja louvado, se o fizer. Mas, para fazer política, Deus nos livre. É lamentável.

Na noite de terça-feira os principais líderes do grupo foram recepcionados pelo presidente José Sarney, no Palácio da Alvorada. Depois, verificou-se terem cometido no mínimo uma leviandade e diversas impropriedades.

No primeiro caso, porque boa parte dos centristas se lançou na glória tarefa de enganar o presidente; de prometer o que não lhe poderá ser dado. Em maioria, sustentaram que a volta aos cinco anos de mandato são favas contadas. Juraram que a emenda do senador Edison Lobão (PFL-MA), por sinal ausente do encontro, será aprovada por ampla maioria de deputados e senadores, acabando com os quatro anos. Ou qualquer outra emenda. Mas fizeram mais: venderam a Sarney, como se fossem novas, velhas estatísticas, do mês de novembro, quando na Constituinte era registrada tendência de 327 votos pelos cinco anos, contra 232 pelos quatro. Isso ocorreu num daqueles momentos de mutação anteriores ao recesso de Natal e Ano-Novo, e os líderes do Centrão deixaram de transmitir que, de volta das férias, os parlamentares trouxeram outras inclinações, determinadas pelo inequívoco desejo das bases de votar este ano para presidente.

Diz um dos presentes que os olhos de Sarney brilharam, mas, cauteloso, nada comentou. Repetiu apenas que permanece na disposição de não mover uma palha para alterar a decisão constituinte, qualquer que venha a ser.

Não é justo fazer isso. Acender falsas esperanças representa erro tão grande quanto frustrar as verdadeiras, ficando o episódio pior quando se nota que essa leviandade foi cometida em função das impropriedades que vieram depois, também perpetradas pelos centristas. Porque ao invés de conversar sobre temas realmente importantes do momento, a começar pelas emendas que apresentarão, acabando com as barbaridades do projeto, os interlocutores de Sarney desenvolveram verdadeiro festival de fisiologia. Pareciam crianças de jardim da infância, queixando-se dos companheiros. "Fulano de tal, que é da esquerda, conseguiu nomear um delegado do Iapas, e nós, não." "É preciso tirar Beltrano da Silva de uma das diretorias do Ministério do Planejamento, porque ele foi indicado por um deputado que vota contra o senhor." "É a nomeação dos meus indicados para esses e aqueles cargos, quando vai sair?"

Uma lástima. Cataratas de reclamações entremeadas com pedidos, que não poupavam diatribes a deputados, senadores, governadores

e ministros. Quase transformaram o Palácio da Alvorada no pátio dos milagres pintado por Vitor Hugo na Corcunda de Notre Dame.

Alguns ministros presentes ainda tentaram acomodar a situação, desviando a conversa para outros temas, mas os pedidos sempre voltavam, entremeados das queixas. O presidente terá tido a impressão de estar outra vez no passado, quando presidia o todo-poderoso PDS e não escapava da ladainha de reivindicações. Ou, com certa ironia, poderá ter-se lembrado de tempos mais recentes, quando, já na chefia do governo, recebia do PMDB listas e listas para nomeações.

Sob esse aspecto, o Centrão está caolho. Só por milagre será de cinco anos o período administrativo de Sarney, menos por causa de sua imagem sofrível do que pelo anseio da sociedade, agora sentido pelos constituintes quando em contato com suas bases. Alimentar a hipótese é impossível de o atual período ser fixado em cinco anos, para, em seguida, postular benesses e favores, equivale a expor o presidente ao ridículo. Porque pouca gente acreditará, depois, que ele não esteja por trás de manobras ou articulações visando ficar mais um ano no poder, não ficando. E não está. Literalmente, abandonou a perspectiva que um dia, por descuido, tornou pública através do rádio e da televisão. Contra Sarney alinham-se sucessivas críticas, muitas delas mais do que pertinentes. Não se pode, no entanto, acusá-lo de tolo ou inexperiente. De não conhecer, como poucos, os meandros da política, que pratica há 35 anos.

Se o Centrão pensou em enrolar o presidente, enfeitando-o para criar clima favorável ao fisiologismo, fez muito mal. E enganou-se, apesar do fascínio que suas promessas possam ter provocado. Não é por aí que o grupo conseguirá sucesso na única e verdadeira tarefa a que se propôs, aplaudida pela maioria do País, de extirpar do projeto da Comissão de Sistematização todas as fantasias, excessos e demagogias. Se vão tornar a nova Constituição menos ruim, ou mais adaptada à realidade nacional, não deveriam exigir contrapartidas. Até porque Sarney será politicamente o menos prejudicado na história. Sairá em março do ano que vem, mantido o caudal dos quatro anos, e retirará-se da vida pública. Apenas como simples cidadão sofrerá os exageros da nova Carta, se eles forem mantidos. Muito pior ficarão os políticos, em geral, e cada um de nós, em particular, se o projeto for aprovado tal como está. Assim, organizados para melhorá-lo, deveriam ter em mente que seu esforço bastará por si mesmo. Estarão prestando um serviço para o futuro. Acoplar a esse serviço penduricalhos fisiológicos, ou dar a entender que agem assim para receber benesses e favores, positivamente não dá. Em suma, a reunião da última terça-feira deixou todo mundo mal. O próprio presidente Sarney, se tiver acreditado nas estatísticas que lhe pretenderam vender...

C.C.)